

Auto do anjo que luta com o índio bufoneria–infernai a partir do poema Muhuraída – ou o Triunfo da Fé de Henrique João Wilkens

Francisco Carlos

AUTO DO ANJO QUE LUTA COM O ÍNDIO é ou poderia ser ou não ser uma recriação livre, anárquica, paródica, pós–tudo (??), apócrifa e transgressora, em forma de poema–cênico, do poema MUHURAÍDA – OU O TRIUNFO DA FÉ, (manuscrito de 1785), de Henrique João Wilkens, bufoneria–infernai. É um poema de louvação do poderio militar lusitano no processo de colonização indígena na região, mas, de forma indireta, é a afirmação às avessas da capacidade de resistência das culturas indígenas, originárias do vale. Na Amazônia, e especialmente no estado do Amazonas, os Mura são o símbolo–maior da luta dos índios contra a invasão lusitana, depois da figura lendária do herói Ajuricaba.

O nosso auto dramático está escrito em forma de uma luta–livre, jiu–jitsu, entre o anjo e o índio, ou Jacó e o anjo (??); bufoneria infernai, pós–apocalíptica. Ele foi escrito em Manaus, em 1999, numa pausa–férias. Além da conversa–duelo com a fonte–central, o poema MUHURAÍDA, a peça conversa–duela com Orlando, de Virginia Woolf, com Alfred Hitchcock, com a Bíblia, com Michelangelo, Fritz Lang, Robert Mapplethorpe e outro autores.

No segundo semestre deste ano (2011) realizarei alguns estudos sobre a reindigenização do Brasil e da cultura brasileira, uma proposta–poética–cultural–estética–política–filosófica que foi feita originariamente por Oswald Andrade — que na época foi ridicularizada e desacreditada por seus adversários–contestadores, e agora volta ao debate nas ciências humanas e entre autores–artistas. Esse estudo da reindigenização do Brasil e da cultura brasileira também pretende discutir a Semana de Arte Moderna de 22, a partir do seu tema–fundamental, o canibalismo–tupi, através de Florestan Fernandes, Montaigne, Metraux, e dos relatos dos cronistas Lery, Thevet, Gandavo, Staden, Cardim, Gabriel Soares, Abbeville, Evreux e ainda o Guarani, de José de Alencar, a ópera de Carlos Gomes, o “Oswald Canibal”, de Benedito Nunes, o Meu Tio Iauaretê, de Rosa, e a arte–visual de Lygia Clark.

A catequese católica e a conversão indígena são os pontos centrais nessa rediscussão, e a Companhia de Jesus o instrumento desse projeto de conversão–colonização. Agora venho trabalhando com o “Auto de São Lourenço”, texto–teatral–auto de José de Anchieta (com tradução primorosa de Eduardo Navarro) e arma–central–teatral–pedagógica do processo de catequização indígena, praticado pelos jesuítas a partir do século XVI. O “Auto do Anjo que Luta com o índio” foi um laboratório de linguagens dramáticas para esse projeto que agora pretendo encarar.

aqui
no oeste
todo homem tem um preço
uma cabeça a prêmio índio bom é índio morto
sem emprego referência
ou endereço

tenho toda a liberdade
para traçar meu enredo

nasci
numa cidade pequena
cheia de buracos de balas
porres de uísque
grandes como o grand canyon
tiroteios noturnos
entre pistoleiros brilhantes
com o ouro da califórnia
me segue uma estrela
no peito do xerife de denver

Walt Whitman

LUTA DE JACÓ COM O ANJO

Jacó ficou só; e alguém lutava com ele até o romper da aurora. Vendo que não podia vencê-lo, tocou-lhe aquele homem na articulação da coxa esta deslocou-se, enquanto Jacó lutava com ele. E disse-lhe: “Deixa-me partir, porque a aurora se levanta.” “Não te deixarei partir, respondeu Jacó, antes que me tenhas abençoado.” Ele perguntou-lhe: “Qual é o teu nome? —“Jacó” — “Teu nome não será mais Jacó, tornou ele, mas Israel, porque lutastes com Deus e com os homens, e venceste. Jacó perguntou-lhe: “Peço-te que me digas qual é o teu nome.” “Por que me perguntas o meu nome ?” respondeu ele. E abençoou-o no mesmo lugar. Jacó chamou aquele lugar Fanuel: “porque, disse ele, eu vi a Deus face a face, e conservei a vida.” O sol levantava-se no horizonte, quando ele passou Fanuel. E cocheava duma perna. E por isso que os israelitas, ainda hoje, não comem o nervo da articulação da coxa, porque aquele homem tinha tocado nesse nervo da articulação da coxa de Jacó.

GÊNESIS 32. 24–32

OS ÍNDIOS MURAS

Desde o início do período colonial, os portugueses, em sua política sempre rude e tortuosa de relacionamento com o povo indígena, marcavam alguns índios que por sua propalada condição de extremada barbaridade, selvageria e hostilidade, eram considerados incivilizáveis.

Os Muras, durante o século XVIII e IX, constituíam o paradigma dos índios bárbaros ou de corso, contra os quais deveria se mover a mais enfurecida guerra.

Alvos de um comerciante português, que raptou muitos deles e os vendeu como escravos —, se fizeram o flagelo da região por cem anos, recorrendo a guerrilha e a tocaia.

Curt Nimuendaju na sua monografia sobre os Muras, afirma que esses índios foram mencionados, pela primeira vez, numa carta do jesuíta Bartolomeu Rodrigues, que os localiza na margem direita do rio Madeira, entre os Torá e os Unicoré. Os Missionários da Companhia de Jesus e outras ordens religiosas sempre moviam esforços em promover audições na Junta das Missões que pudessem, por consenso, sugerir ações repressivas sobre os Muras.

Militares, naturalistas, colonos portugueses também se empenhavam no objetivo único: denunciar as propaladas atrocidades dos Muras contra as aldeias missionárias, os colonos portugueses e índios mansos e selvagens, e com isso conseguir declaração de guerra justa.

Alegavam que os Muras concediam ódio mortal aos brancos em função de um regatão português que, “fingindo ser mandado pelo jesuíta João Daniel preparou uma grande embarcação e foi ter com os Muras, dos quais embarcou uma grande quantidade no barco, que levou a vender aos colonos da região como escravos.”

Os Muras se recusavam ao estatuto de escravos e faziam continuada guerra contra as aldeias missionárias, saqueando-as, matando muitos, fazendo escravos outros, que transformavam em prisioneiros tratando-os com barbaridade, segundo relatos oficiais interessados no extermínio da nação Mura.

As Missões promoviam a evangelização e a propagação das fronteiras e o domínio português na Amazônia.

A despeito da recusa do Rei João V em autorizar a guerra justa contra os Muras, eles foram atacados vezes sem conta por particulares ou tropas coloniais, nos anos que se seguiam. Some-se a isso a sucessão de epidemias de varíola que dizimaram os índios do rio Madeira, a partir de 1749 e que, provavelmente, afetaram os Muras.

Entre 1784 e 1786 ocorreu a “pacificação espontânea dos Muras.”

Em 1784, quando os colonos nascidos no Brasil exigiam a exterminação deles como única alternativa à ruína total do Amazonas, e as expedições punitivas continuavam ineficazes, os Muras inesperadamente fizeram as pazes com os brancos.

Provavelmente nenhum dos grupos indígenas da Amazônia pagou preço mais alto que os Muras ao contínuo esforço de dizimá-los e de expulsá-los de suas praias e lagos tradicionais

A situação atual dos Muras, segundo dados recentes da FUNAI, indica uma população recenseada de 1.300 pessoas, localizadas em várias áreas indígenas, situadas, principalmente, no município de Autazes (21 áreas), Careiro (5 áreas), Borba (3 áreas), Auxiliadora (2 áreas), Berori e Anori (1 área) e Manicoré (1 área), todas no estado do Amazonas. Os Mura-Pirahã, subgrupo com diferenças linguísticas, localizam-se numa área indígena nos municípios de Humaitá e Manicoré, também no estado do Amazonas. Atualmente, totalizam 139 índios.

Os Muras são, na Amazônia e especialmente no estado do Amazonas, a grande metáfora da luta dos índios contra a invasão lusitana, depois da figura lendária do herói Ajuricaba.

O POEMA MUHURAI DA

“O MUHURAI DA tem um significado especial para os amazônidas, além de ser o texto inaugural da literatura criativa na região, é o poema de louvação do poderio militar lusitano, mas de forma subjacente, pois demonstra, a contrapelo, a capacidade de resistência das culturas originárias do vale. Se de um lado é a glorificação da empreitada colonizadora, não houve como esconder a bravura e a capacidade de luta do povo Muhra.”

O poema está escrito em seis cantos.

O poema apresenta três atitudes: o desejo ultrajado de vingança contra os Muras, a esperança na sua pacificação e assimilação no projeto desenvolvimentista de colonização, e a admiração e gratidão piedosas diante do espetáculo da sua conversão a fé católica.

O poema segue a tradição poética ocidental de dois grandes e longos poemas épicos teológicos: A DIVINA COMÉDIA de Dante Alighieri e o PARAÍSO PERDIDO do grande poeta inglês Milton, utilizando como metáforas poéticas a mitologia judaico-cristã do velho e do novo testamento: O Filho Pródigo, embates de figuras celestes (anjos) que promovem a conversão de seres humanos heréticos, Moisés, Adão, Criação, Queda do Anjo, Príncipe das Trevas, parábola da disseminação e colheita das sementes da fé, Céu, Bom Pastor e o Rebanho, Fé, Piedade, Caridade, Graça, Luz e Trevas etc.

Barroco na decoração das glórias divinas, nas atrocidades dos Muras, nas alegorias dos salvadores humanos, e na ilustração dos lugares; reduzido na lista numericamente pequena de personagens. Ao contrario de outros poemas épicos ou barrocos com milhares de personagens, na Muhuraida figuram apenas: o Guerreiro-Mura, o Anjo-Tutelar, uma Musa (Beatriz?) raramente evocada, mas não descrita pelo poeta, um velho-Mura cético que lembra as traições dos brancos no passado, o Príncipe das Trevas, João Pereira das Caldas – Governador do Pará, e participante importante na execução dos limites para a região amazônica, Matias Fernandes o diretor da aldeia onde os Muras são assentados depois de sua pacificação, assemelhado no poema a Moisés, João Batista Mardel o comissário de Ega, assemelhado ao Pai do Filho Pródigo-bíblico, três figuras da política indígena oficial, elogiadas no poema.

Barroco na sua excessiva metaforização é perfeitamente lacrado em sua estrutura de síntese. Um poema hermeticamente fechado em sua sintaxe e técnica literária e lindamente aberto em sua deslumbrante fantasia poética.

PERSONAGENS

O GUERREIO-MURA

O ANJO-TUTELAR:

(anjo no bosque comentando o lobo

Anjo no início da luta

Anjo que elege

Anjo que explica a vantagem de ser civilizado

Anjo que apresenta um vestido

Anjo explicando a ambição-sagrada

Anjo descrevendo a pintura do juízo final de michelangelo na parede do fundo da capela sistina

Anjo que fulmina o mura-saulo com um raio de luz

Anjo e principe das trevas

Anjo-moisés-pai-do-filho-pródigo

Anjo que batiza

Anjo repórter funerário

Anjo-extermador com o livro-aberto do apocalipse)

MUSA:

(Musa-casta

Musa–horrorizada
Musa–missionária–entrincheirada
Musa–mercenária
Musa–missionária–sitiada–drogada
Musa–presa
Musa–domadora
Musa–cirurgiã)
MARINHEIRO PORTUGUÊS
COMERCIANTE PORTUGUÊS NO MERCADO DE ESCRAVOS–ÍNDIOS
O REI DE PORTUGAL
BANDO–DE–ÍNDIOS–MURAS
CORO–HARDCORE–BANDO–MURA
Tenho flechas envenenadas
pertencem a uma raça de embriagados
tatuaram no meu bíceps o apelido de bárbaro
besta fera besta fera pássaros de Hitchcock Ave de rapina
habitamos densos bosques e grandes lagos
famoso é o rio Madeira confluyente do célebre rio,
ferozes são as amazonas andamos em bando andamos em bando
sem estabelecimento perdurável
enchendo de terror e espanto morte e rapina
todos os rios confluentes do célebre rio das amazonas ferozes
nossas frequentes investidas
provocando terror em tudo
pela carnificina por nós desencadeada
andamos em curso HÓ!
como velhos piratas vingadores HÓ!
dispersos por todos os rios
num estado de permanente hostilidade
crueldade, crueldade
esfolando e rompendo cadáveres
se usa a tirania HÓ!
a tirania mais bárbara
se usa HÓ!
nas nossas guerras e assaltos
não perdoamos nem mesmo os cadáveres HÓ!
Besta Fera. Besta Fera
Ave de Rapina
Falcão, Gavião–Real te vejo é no Inferno
até lá lutaremos é no Inferno
Hostis, hostis
somos gente sem assento nem persistência
Meus arcos têm doze palmos e mais de comprido
Repentinas e inesperadas
são nossas investidas HÓ!
a flecha tem a mesma grandeza e proporção

ou mais de comprido HÓ!
somos espanto, terror, rapina HÓ!
selvageria é a nossa imagem
a nossa marca a marca da caveira
terror, espanto, rapina, morte
horroroso é um estrago mura
espanto terror rapina HÓ!
Fera antropofágica e
sanguinária e tem a nossa marca
Somos incivilizados
Fera antropofágica e sanguinária
terror espanto morte HÓ! HÓ!
Ave de Rapina te vejo é no inferno
negamos os princípios europeus
de organização política e econômica
frustramos a vigilância dos governos HÓ! HÓ!
marginais na sociedade branca
te vejo é no inferno EH! HÓ!
Só fico satisfeito vendo o cadáver frio
eu estou aqui HÓ! HÓ! HÓ!
esfolando e rompendo os cadáveres
acrescentamos o terror de nossa ferocidade HÓ!
Só fico satisfeito vendo o cadáver frio
te vejo é no inferno HÓ!

DEUS O LOBO E A CRIANÇA

ANJO

Entramos enfim nos bosques–secretos
natureza verde, cheiro de enxofre
fumaça de cheiro queimado ervas medicinais
flechas enfiadas em árvores gigantes e outros sinais

BANDO–MURA

Não entre, não venha, não fostes convidado
ou venha e caia na nossa armadilha de fereza

ANJO

Deus é uma imagem luz que penetra a selva mais bárbara.

Deus é o sinal. Queremos comer flores.

Queremos comer pétalas. Queremos beber perfumes.

BANDO–MURA

Entre e coma flores, mastigue pétalas doces, beba perfumes que são licores
de frutas–édens.

ANJO

Deus é pan é tudo é a Floresta são as flores os licores, os elfos, o sangue do
madeiro.

Deus é madeira dura nenhum machado corta e o machado ainda sai
perfumado

de eucalipto e água de laranja.

Deus é madeira dura por isso entramos nessa floresta, nesse bosque escuro.
Vamos passear na floresta enquanto seu lobo não vem, está pronto seu lobo?
GUERREIRO–MURA

Ainda não estou pronto, coloco agora a minha luva de silicone.

ANJO

A criança anda solta no bosque

Cuidado com o lobo

A Floresta tem um lobo

O lobo é o lombo da criança ou foi a criança que nasceu do lombo do homem? Deus nos acuda.

Uma criança anda solta no bosque entre passarinhos e pólenes de flores

A criança pode ser polinizada

corre o perigo de ficar grávida

ou pode ser atacada pelo lobo que é um outro violador

Vampiro de Dusseldorf

Vamos passear na floresta enquanto seu lobo não vem, está pronto seu lobo?

GUERREIRO–MURA

Não, ainda não estou pronto, estou colocando laquê nos meus cornos.

ANJO

O lobo domina o bosque, domina a floresta, o lobo é o mau, as dentinas dele são afiadas, bruta é a sua força. A criança é fraca, desamparada, ingênua, indefesa. A criança é o projeto do anjo, ela só vê a alvura, só respira ar puro, as florestas poucas flores amarelas da floresta borrifam o corpito da criança que passa diante delas, as flores são os amores, os muras são os lobos, comem crianças desamparadas nos bosques, desligam o ar atmosférico do pulmão do mundo, pulverizam o bosque de enxofre e Lúcifer.

LOS PRISIONEIROS

GUERREIRO–MURA

Lição para tratar mal um prisioneiro de guerra

para tratar mal um prisioneiro de guerra

tratar mal um prisioneiro de Guerra:

castigamos os prisioneiros asperamente

se não completa

o trabalho que se lhes destina

os velhos e rapazes são nossos escravos

constroem arcos e flechas

na fábrica de nossas choças informes

caçam e pescam

propiciam o nosso alimento–selvagem

as mulheres prisioneiras

se empregam em fiar algodão

para fio e para envolver flechas

em fazer louças, farinha e bolo de mandioca

cozinham peixe e caça

ah! As mulheres

essas cadelas

essas tramelas
essas bocetas–roxas
na ação de as cativar, a violência das setas
não dispensamos esse horroroso costume,
distintivo da nossa nação,
mesmo depois de mortas
abusamos barbaramente delas.
O ESTUPRO DA MUSA
GUERREIRO–MURA
Tragam essa Musa–Casta
musa de um poeta épico
virgem como uma folha verde
uma musa que é uma inspiração e um hímen
tragam essa cadela
veja se ela inspira algum poeta maluco
a escrever algum poema bárbaro
melem seu corpo de lama preta
o corpo dos muras
está todo melado de lama preta
distintivo da nossa nação
melem o corpo da musa–porca
talvez algum poeta–selvagem
lhe entoe um hino funesto
(Trazem a Musa casta amarrada, o corpo cravado de flechas, torturam o corpo
dela enfiando mais flechas doloridas)

Vem conhecer a nossa choça nesse charco lamacento.
(Atiram a musa–torturada banhada em sangue na lama do charco o guerreiro
ordena o bando)
Animais ferozes.
Bestas humanas rebeldes
abusem a musa–cabaço
que é prisioneira do nosso FESTIM–HOSTIL
(Bando de Muras como animais ferozes curram a musa na lama do charco no
meio da Selva.)
MURA–HORROR
MUSA
Enchendo todos de horror
há os muras, Baby
os ferozes muras, Baby
não comem gente ou carne humana
como outros bárbaros de outras nações
só se empregar em matar, matar, matar
e roubar tanto os brancos
como os índios domésticos e os ainda selvagem, Baby sua violência
indiscriminada

seus costumes culturais sacrilégios
 Oh! Baby, Baby
 Enchendo todos de horror horror
 os muras–bárbaros ah! os muras ah! Baby
 agora infestam o Amazonas
 e todos os seus confluente
 despedindo flechas dos grandes arcos,
 com grande violência Baby, Baby
 CORVOSmadonna
 (Um Marinheiro–Português passeia na praya, uma ave banca voa sobre o
 corpo dele, ele vê a ave)
 MARINHEIRO–PORTUGUÊS–ANJO
 O bater das Asas do amor
 É a AVE da ANUNCIACÃO
 A AVE do PARAÍSO que rege o Amor dos Noivos
 sobrevoa a Praya
 Anuncia que os soldados da Fé são os sobreviventes da catástrofe étnica
 O movimento de suas plumagens macias despertam lembranças de momentos
 amorosos inesquecíveis
 pousa no meu ombro PÁSSARO–DA–BELEZA
 (Magicamente o Pássaro–da–Beleza se transforma num abutre–tortuoso)
 Mas...que horror (O abutre pousa no ombro dele)
 Voa do meu ombro chispa!
 AVE do inferno
 Corvo infecto
 machuca meus ombros
 tu abutre agourento
 que és a mais repugnante das aves
 negro, peludo, bruto
 batendo as asas traiçoeiramente
 sobre os meus ombros
 (O Marinheiro tenta arrancá-lo de seu ombro, ameaçando-o com sua espada
 — uma revoada de corvos invade a praya. O marinheiro que não consegue se
 desvencilhar do corvo, que parece grudado ao seu ombro tomba por terra, seu
 corpo atolado na areia branca da praya.
 Os Corvos caem e se chocam na areya, se despedaçam magicamente seus
 pedaços se transformam em um bando de guerreiros muras armados de
 enormes arcos com flechas envenenadas, despedem flechas deixando o corpo
 do Marinheiro–português parecendo um Porco–Espinheiro.)
 MUSA–ENTRINCHEIRADA
 MUSA–MISSIONÁRIA
 Santos brancos piedosos, atendei o nosso clamor
 até agora não conseguimos ter paz em nenhuma aldeia onde tentamos instalar
 nossas missões e alargar os limites lusos.
 Mudamos para este lugar
 com a mudança não nos vimos porém livres dos muras

que tiveram algumas vezes o atrevimento de investir
contra a Aldeia de Free Zone
diante de tantos insultos, por cautela
vivo presa nesse Teatro entrincheirada de estacas
para melhor me defender de alguma invasão
socorrida por dois soldados–anjos–médicos que me assistem
por serem inesperadas as suas investidas
é necessário fazerem cercas de pau–a–pique
e estar sempre alerta.

A minha obsessão com os muras poderá gerar resultados funestos
recorro ao Rei e ELE lhes move uma guerra justa e enfurecida
sou assombrada dia e noite pelos mais repugnantes fantasmas dos criminosos
muras, rudes e incivilizáveis.

O Forte da Aldeia de Free Zone de barro socado e paliçada com suas duas
peças de artilharia

não me deixam segura,

nem esses dois canhões me acalmam,

tomo comprimidos calmantes a noite toda

de tanto remédio acabo ficando dependente e viciada

Free–Zone é frágil diante desse bando de bárbaros muras sanguinários

O gentio tem feito grandes mortes no rio da Madeira,

sem que haja causa para que os ditos muras a façam

Fera, tremendo inimigo

É preciso que o Rei de Portugal faça guerra ao hostil povo mura

impedem o trânsito aos nossos compatriotas portugueses

infestam os nossos rios

impedem o comércio de nossas drogas

impedem as ampliações das fronteiras de Portugal na Amazônia.

Drogas esses muras e suas hostilidades culturais

Free Zone já não é mais a mesma Zona–Livre de comércio luso e bruto.

Os muras são os caralhos atravessados nos nossos rios

atrapalhando as nossas navegações–mercantis.

Free Zona jaz uma Zona.

Os muras não amam a Zona.

Não mamam na Zona.

Não amam Free Zona.

Não Mamam na Loba de Rômulo e Remo que é Free Zone Capital do
Mundo na Selva–Isolada.

Guerra a eles. Guerra Justa.

As mariposas internets pedem guerra–justa aos hostis muras.

Que os ouvidos do rei de Portugal ouçam os apelos das mariposas–elétricas.

Quem tem ouvidos ouça ou quebre a louça.

Onde está Shakespeare minha namorada–lésbica?

Quero ir com ele comprar índios no mercado de chicotes–de–couro e
vibradores de vidro de Free Zone.

MERCADO DE ESCRAVOS

(Musa Mercenária entra no Mercado com um pênis–enorme saído de um buraco da saia)

MUSA–MERCENÁRIA

Cheguei Srs. comerciantes de escravos, especiarias e drogas dos sertões

sou a Musa–Mercenária

compro tudo o que vejo na minha frente

sou obcecada pelo consumo

compro tudo o que vejo na minha frente

no dia que não compro roo todas as minhas unhas

que já foram tão grandes, de tão grandes

me valeram o apelido de Mulher–do–Caixão

mas ainda não estou morta

e inspiro alguns poetas vivos

agora entro nesse Mercado–de–Drogados

e compro escravos–índios para aumentar minha coleção de dogs

arrasto–os pelas coleiras

sou assim mesmo sempre excêntrica

sou uma atriz

estou sempre em estado de teatro

(Dá uma risada que ecoa por todo o Mercado–de–Bruxedos, um

comerciante–português oferece um escravo mura)

COMERCIANTE–PORTUGUÊS–ANJO

Bela Dama, Musa Imortal, quer comprar o meu animal?

MUSA–MERCENÁRIA

Quanto custa?

COMERCIANTE–PORTUGUÊS–ANJO

33 reais.

MUSA–MERCENÁRIA

33 reais vale um peido.

(Ela dá um peido que ecoa imenso no Mercado–de–Bruxedos)

COMERCIANTE–PORTUGUÊS–ANJO

Então leva o meu animal? Leva este?

MUSA–MERCENÁRIA

Levo, levo este, levo outro e outros

(Vai pagando e levando outros de outros comerciantes, todos pela coleira)

Compro e levo todos

todos pela colheita

depois engordo–os

faço–os praticarem muita musculação halteres halteres bíceps bíceps

ensino–os a usarem bons cosméticos

assim ficam mais valorizados

e os vendo num Supermercado de Belém.

Cheia de escravos e cachorros represento o meu melhor papel

O de Deusa–da–luxúria.

Aplauso! (Pede aplauso)

(O Mercado aplaude tanto que só falta vir abaixo)

Antes de sair faço um pouco de show, tiro a roupa, fico nua como vim ao Mundo como uma Fera–Pagã. Aplausos!
(Toca uma música árabe, ela faz um strip–tease, o Mercado aplaude mais e vem a baixo)

Adeus crianças, adeus \$enhore\$ifras
Mamãe já vai, só falta colocar a minha coroa de serpentes.
Adeus crianças, Mamãe já vai, já volta das compras.
(Sai do Mercado arrastando seus Dogs pela coleira)

MUSA–SITIADA

MUSA–MISSIONÁRIA

Sitiada nessa fortaleza de conquistas
vejo da janela vitralizada do Teatro de Free Zone
ao longe, bandos de muras em campanha
em levante
clube de piratas
curso esperando para o ataque
esperando que eu caia no sono dos justos
Corvos esperando que meu corpo
caia da Torre do Tombo
para fazerem do meu corpo o seu almoço
acham que lhes devo de hóstia o meu santo corpo
Esses muras brutos históricos históricos há 100 anos o flagelo da região
Escondidos atrás das árvores
que cercam o Teatro Monumental de Free Zone
os muras mudos em tocaia espreitando todos os movimentos
do meu Bordel–de–Luxo,
para o ataque,
esperando que os meus soldados–de–sexo durmam no ponto
daí eles saqueiam o nosso convento
Corvos pretos de bicos dourados
e asas tintadas de sangue
bicam os vitrais da cúpula multicolor da Casa de Ópera de Free Zone até
quebrá–los.

(Em seus esconderijos os Muras, espreitando os movimentos da Musa–missionária, esperando que ela para atacarem violentos. Murmuram no silêncio da noite–selvagem)

BANDO–MURA

Temos tanto ódio
aos brancos
ódio, ódio, ódio
rangemos os dentes
ódio aos brancos
100 vezes rangemos os nossos dentes
os nossos dentes estão desamolados
amolamos nas pedras
100 vezes rangemos os dentes

batemos com eles na rocha
ódio, ódio, ódio
MUSA–MISSIONÁRIA
Não vou dormir
já disse que não vou dormir
senão os muros saem
de seus esconderijos secretos
e atacam os nossos muros
perfuram o nosso silêncio e as nossas preces
com suas flechas em comprido
mesmo que HIPNO, O FANTASMA DO SONO
se apodere de mim, juro de joelhos,
não vou dormir
genuflex, o não vou dormir
muras ou Vampiros Orai por Nós
Noite de trevas no Bosque
Não vou dormir
Acordado–Amém
MISSA–MISSIONÁRIA
Acho que estou drogada
vejo ratos e baratas gigantes
roendo a bainha da abóboda–celeste
do Teatro de Free Ama Zona
e furos de pico por todo o meu braço
seringas espalhadas pelo chão do teatro
estou atordoada, sedada, drogada
contrabando de tudo: de muras, de rosário, de Arte.
É urgente o Projeto de exploração dos territórios
fronteiriços reconquistados da Espanha
é urgente a necessidade de assegurar o domínio–secular–português
É urgente é urgente é urgente.
O ideal é que a floresta que é um inferno vire um grande–Portugal.
Eu danço um fado eu venço uma tourada.

Nutrem pelos brancos
um ódio estranho
de tanto estranho ódio
desafogam sua cólera em tantas mortes
que não há ano que não matem muitos
Aranhas negras estranhas
perturbam meu sono
assombram meus sonhos.
Incensos, jujubas–pretas, licores–de–cerejas,
azeitonas verdes, velas–roxas.
MUSA–PRESA
MUSA–MISSIONÁRIA

Ser onipotente recorro a tua Santa Providência
imploro a tua proteção divina
estou presa aqui nessa aldeia
entrincheirada
cercada por esta estacada de medos
tudo inspira pavor, receio, incerteza
absorto vive o povo da aldeia
na densa treva assim da adversidade, muras bárbaros que entre si não admitem
gente civilizada esperta de aldeia
e a nada perdoam e a tudo o que topam matam
Até resolvo brindá-los com presentes tentadores: 25 facas, um machado, um
alqueire de farinha e um arpão, só para ver se por esses meios se abrandam
esses cruéis–ingratos
e se partem satisfeitos, se piquem seus brutos
Eu e meus Centauros–Eróticos não nos atrevemos a dar um passo fora das
cercaduras dessa povoação e por esse motivo recorro a V. Exa.
e aos Srs. do Governo, que me socorram, com alguns soldados armados.

REI

REI

Mariposas Iluminadas do meu Reino Amazônico

O Rei já sabe de tudo

ele tudo vê, tudo ouve tudo toca

antena da raça

tato–táctil

O Rei e seu vestido–milénar

O Rei de Portugal sabe de tudo

Que os muras são cruéis andam em curso

matando brancos e nações indígenas inteiras

como gente de campanha sempre em levante

impedindo o projeto de ampliação das fronteiras do nosso Império–Luso

Os muras são bárbaros sanguinários

incapazes de civilização

os muras cruéis

e irreconciliáveis inimigos dos portugueses

Gato eternamente mordendo o rabicó do nosso rato que roeu a minha roupa velha.

Cruéis e irreconciliáveis inimigos dos portugueses

dos índios dos bosques ainda habitantes

ocupando imensa extensão de terreno

matando cruelmente e sem distinção

de sexo ou idade

todos os viajantes e todos os moradores das povoações

fazendo assim igualmente descuidados e vigilantes

infelizes vítimas de suas crueldades

roubando as mulheres moças e crianças

que do estrago escapam

obrigando–as a um cruel cativoiro

acrescentamos a certeza do terror de sua barbaridade e ferocidade
frustrando a vigilância dos governos
destruir essa nação é o que pedem todos
que por sua natureza cruel e irreconciliável inimizada com todas as mais nações,
não excetuando os índios nem cachorros
e que professa por instinto a mais pura pirataria
acusações, acusações, mil acusações.
O rei acha que uma praga divina
se abateu sobre a raça–mura
mosquitos ou nuvem de gafanhotos,
como uma peste,
manchando a alma dela
criando um caráter–ruim
um flagelo que ela arrasta pela floresta
e pela terra
tingindo os rios de sangue e dor
pelos séculos dos séculos.
É preciso lavar essa chaga
com água baptismal
Todos pedem vingança, vingança
pedem guerra justa de extermínio
extermínio ao mura Já
extermina a nação toda
Extermínio! Extermínio!

Mas, o Rei quer ser justo
e em vez de extermínio o Rei propõe conversão
que de LOBO vire CORDEIRO–DE–PASTOR
O índio–mura da treva veja a luz
de cego veja BOLA–de–ESPELHOS
Por isso o Rei mandou instalar
no alto do Teatro–Monumental de Free–Zone
uma Bola–de–Espelhos
para ficar disparando rayos–pedaços–retalhos
de luz no peito–pecador do povo–mura.
Gostaram da Discoteque?
O Rei dança com John Travolta e Olivia Newton John
e ainda tem mais
o Rei resolveu fazer uma surpresa ao reino.
Resolveu brindar a multidão afoita
com um desfile–de–moda nunca visto
nem Londres, nem Milão, nem Tokio,
nem NEW YORK, nem Paris das luzes
O Rei resolveu desfilar sua NOVA–ROUPA
encomendada à Sir–Coco–Chanel,
Um alfaiate–mulher–com–disfarce–de–homem

calça em vez de saia. Chapéu de Coco.
Paletó de Urubu. Vestido de Noiva.
Sir Coco Chanel,
Um deusa–deus da alta costura
Roupagens–de–deuses
figurinos–celestes
Aplausos para a roupa–nova
cortada montada e
costurada por Sir Coco–Chanel
Dedo e dedal–de–ouro
Aplausos!
(O Rei pede aplauso, o Rei não tem vestido nenhum e desfila nu diante do
reino que aplaude extasiado a roupa–invisível do Rei)

UM MURA

O REI está NU

OUTRO MURA

REI está nu!

OUTRO

O REI está NU!

OUTRO

O Rei nu!

OUTRO

O Rei nu!

OUTRO

Nu o rei!

(Labaredas gigantes caem do céu e incendeiam o corpo–nu–do–rei. O Fogo
do corpo do Rei passa para algumas árvores, parte da floresta pega fogo —
os muros espirram jactos d’água pela boca — o fogo apaga.)

INÍCIO DA LUTA

(Longa noite tenebrosa de inverno, em nuvem densa envolta, começa a
chover, chuva obscura, o guerreiro mura está no meio do bosque recostado
num enorme arco, ora inalando paricá uma droga indígena alucinógena e
pesada, ora manipulando uma flecha longa e envenenada de curare com
pontas afiadas)

GUERREIRO–MURA

Que estragos apronto hum!

afogado nesse poço de drogas

inalando paricá droga de índio pesada alucinógena

recostado nesse arco disforme AI!

morte meditando

Que farei com flecha afiada, cheia de curare?

curare curare veneno de índio

Que farei com meus eternos inimigos?

Já caem na minha armadilha

Odeio o branco

nesse torpor depois de ter inalado paricá

droga de índio pesada
 essas flechas bem afiadas
 e os seus venenos
 planejando roubos e ataques
 Gostoso hum!
 eu aqui nessa lama meditando meus crimes
 em densas nuvens envolto
 longa noite tenebrosa
 Da minha boca escorre um líquido verde e grosso, fel ou ódio de branco?
 E esse menino incauto,
 essa criança brincando no bosque
 eu a fera afago sua cabeça
 faço um sinal na sua testa
 vem para as garras da fera doce infante
 já está morrendo
 a fera em descanso está lambendo a presa
 criança descuida
 brincando de peteca no bosque
 perto da fera narcotizada
 depois de ter inalado paricá
 droga de índio pesada alucinada
 Que crimes cometo contra meus inimigos brancos?
 ai! hum!
 estrago horrroso. hum! hum! hum! (gemendo)
 alimento minha robustez
 com insípido manjar vagabundo humumm!
 e as mulheres prisioneiras hummm!
 lançamos chicote sado–maso no lombo
 (Noutro ponto do Bosque um Mensageiro Augusto aterrissa, a seguir
 descansa do voo. Após ter descansado o Anjo faz uma mágica, em suas mãos
 aparece uma lanterna–elétrica que ilumina a escuridão da noite de trevas)
 (Anjo vê ao longe o vulto do guerreiro mura que está embriagado, drogado
 e fatigado meditando estragos com ares demoníaco de promiscuidade na
 lama–preta da chuva da noite de luto, o anjo caminha em sua direção
 removendo as trevas)
 ANJO
 Abençoada seja a lanterna que ilumina o Bosque com a luz do agosto
 Maravilhas de efeitos afastando cortina marrom que atinge e escurece a
 selva
 Lanterna–do–Onipotente
 Ser Justo, Eterno, Imutável, Sábio
 Os pecados são os esconderijos da Floresta
 Fiat–Lux nos obstáculos–silvestres
 Que fazes meu irmão autóctone? Temes novo assalto do inimigo?
 Quando eu pensava que em regato ameno em lago prateado banhando te acharia
 massageando teus músculos relaxando os teus lassos membros, vejo que o

terreno que deveria estar coberto de produção de frutas e plantas, coberto está de flechas, instrumentos que indicam todos bélicos intentos.

GUERREIRO–MURA

Preciso bater em alguém ou em alguma coisa

ANJO

Luto contigo meu jacó–silvestre

GUERREIRO MURA

Lutemos na lama Anjo

ANJO

Lutemos

(Se atacam lutam jiu–jitsu na lama durante a luta o diálogo vale–tudo)

MISTER–MURA–ELEITO

ANJO

Foste eleito pelo destino

o Fado te escolheu eleito–mister–mura–mundo
para conhecer um deus.

Vaes conhecer um Deus. Um ser supremo.

GUERREIRO–MURA

Que Deus?

Falas de quem?

Que ser fabuloso e fantasmal me apresentas com tanto suspense?

Fala logo, anjo–torto.

ANJO

Não te posso explicar, irmão amado

de altos mistérios, maravilhas tantas, altas transas, o poder, as providências–santas
do autor–supremo,

se em densas trevas ainda estás cercado,
deslumbrado ainda com as causas naturais,
tão débil, coitada, tão fraca a natureza–bárbara
Se explicasse esse Teorema–Celeste todo agora
no estado selvagem que ainda te encontras,
por certo jogaria meus planos catequéticos todos por terra.

Este Sr. Supremo

o Céu, a Terra, Ar, Aves, Feras, Sol, Lua, Plantas, Peixes, Monstros Marinhos,
em 7 dias tudo criou,

homem de boneco de barro e de sua costela mulher, dá vida aos Mortos,
Lázaro Ressuscita –

fala aos mudos, sanidade aos loucos, água em vinho, pães e peixe multiplica.
Instalou luzeiros no firmamento dos céus para separar o Dia da Noite.

E viu que tudo era tão bom.

Lutou e venceu

contra seus terríveis inimigos

atirou–os num abismo–infernol

por tentarem se assemelhar ao Altíssimo

Podes fazer o mesmo contigo

O que queres irmão–amadinho?
Larga essa vida que levas
vagabundo cruel, bandoleiro das matas.

Derramo sementes de dogmas sobre o teu sexo
para que a tua alma seja fertilizada
pela doutrina–fomento do Eterno–Reprodutor, o Bom–Pastor.
Serás fruto e fruta
do teu nariz, das tuas orelhas
olhos e umbigos
nascerão flores do Santíssimo.

VANTAGENS DE SE SER CIVILIZADO

ANJO

Ó criatura primata
macaco bélico silvícola
veneno vegetal da ilíada da floresta
vê quanta vantagem em civilizado cristão ser
tereis abundantes colheitas cultivadas
que alimentarão barrigas de barro de vossa numerosa nação
vereis nos vossos portos vantajoso comércio florescer
flores de negócios e de bolsas de valores
procuradas serão vossas armas
envenenadas de curare
poderosos enfim sereis
invejadas serão vossas aventuras
finalmente, podereis ser felizes eternamente
estrelas pops, manchetes de tv
felizes & eternamente

hosana– sucesso!

VESTIDO–RASGADO

(O Anjo tutelar lhe apresenta um vestido, um modelo caro da alta costura)

ANJO

Vê esse vestido, lindo e prateado

Diz a LEI 10: É bom vestir.

GUERREIRO–MURA

Eu não quero esse vestido

está amassado

não gostei desse corte

nem da modelagem

a costura está desajeitada, está torta

a linha não é boa, não é lã

de ovelha

não gostei do botão

parece um repolho diminuto

não gosto de repolho roxo

só gosto de botão de morango–escarlate

pregado no meu pintouro.
(O Anjo atraca—o, voltam a lutar
no final da luta o Anjo caminha na floresta
ouvindo um radinho de pilha)

ANJO

Parecem criaturas de um outro planeta
falam uma língua diferente. Não escrevem.
E nem sabemos se pensam — de hábitos bárbaros mais se parecem aos
animais irracionais do que aos racionais.

NÃO QUERO NADA
GUERREIRO—MURA

Não quero nada
não preciso de nada
não precisamos de nada
temos tudo
Sobrevivo com o que está ao meu alcance
in natura

não preciso de ética, economia, cultura,
ciência, lei, filosofia—alemã
móveis, moedas, manufatura, ficção—científica
sempre fui ficção—científica
não preciso de escrita
lápiz, papel, tinta
não preciso de nada, tenho tudo que preciso
minha região primária tem de tudo
fértil em caça peixe de imensa qualidade abunda em jacaré ou crocodilo.
Cravos, salsaparrilha, drogas dos sertões, óleo de copaiba, estopa para
calafetar canoas, breo, piassava, baunilha, nós moscada, fruta preciosa,
urucu mil qualidades de madeira preciosa.

Não preciso de plástica, shopping,
engenharia,
nem cuecas nem bibelôs
nem homem—máquina
abomino a moeda do Tio Patinhas

QUÁ!QUÁ!QUÁ!

ANJO

horror céus!
Que falta de ambição, de espírito empreendedor
GUERREIRO—MURA

Rasgo tudo sou tábula rasa
sou noite—primeira

AMBIÇÃO SAGRADA

ANJO

Mas tem uma ambição
essa ambição é uma ambição humana, é uma ambição sagrada
valor, moral cristã, sapato, roupa

é bom vestir
valor, moral cristã, sapato, roupa
é bom vestir

Nenhum ser pode negar ou lutar contra essa ambição é uma ambição
positiva
dada por Deus-domador
esses seres vivem a mercê da natureza,
atrelados a ela
sobrevivem do que a natureza lhes dá
praticam uma vida natural
atolados na lama-negra e sugadora da natureza
Rosto-de-Medusa
É preciso que abandonem
essa economia de subsistência
para assumir uma outra economia
fundamentada na venda
de mercadorias e trabalho assalariado

é uma ambição, mas uma ambição sagrada
selada por Deus, carimbada por ele
valor, moral cristã, sapato, roupa
é bom vestir

valor, moral cristã, sapato, roupa
(Lutam em pé)

JUÍZO FINAL

(No meio da luta)

ANJO

Tem um lugar

esse lugar se chama Free-Zone

esse lugar tem um oratório

tem um templo cheio de pinturas

na parede do fundo sobre o altar.

Para se perceber as pinturas

é preciso se estar de joelho

e tem uma alegria e ar nos pulmões do mundo.

As pinturas narram o final dos tempos

de um lado do afresco

os anjos puxam para o alto os bons

do outro lado, os demônios de chifres de bronze

puxam os pecadores para o fundo,

esse fundo é o fundo de qualquer panela

ou lua amassada,

ele se chama tártaro ou inferno.

e tem sete valetes

cobertos de músculos e bíceps endurecidos

possuem pênis de cavalos
a meia-noite dançam como bailarinos–autômatos
vendem a força de seus músculos
o esplendor de seus corpos

MURA–SAULO

(O Guerreiro Mura caminha pelo bosque destruindo armas de fogo
assaltadas da munição de soldados portugueses duma Aldeia Missionária,
cantarola agressivo)

GUERREIRO MURA

Essas armas de Fogo HÓ!
dos soldados brancos quebro todas HÓ!
nunca nos familiarizamos com seu uso HÓ!
Armas de Fogo Armas de Brancos
temos o maior horror HÓ!
reduzimos em pedaços HO!
para fazermos pontas
de nossas flechas envenenadas HO!
as quais usamos com muita destreza HÓ!
no Corpo espinhento
de nossos inimigos brancos HÓ
fazemos do Corpo deles HÓ!
espinhentos S. Sebastiãos HÓ!

Andamos em bando!
como velhos piratas vingadores HÓ!
esfolando e rompendo os cadáveres!
Só fico satisfeito vendo o cadáver frio!
Falcão ou Gavião Real!
te vejo é no Inferno HÓ!

(O Anjo aparece no alto de uma árvore levitando sobre ela como Nossa
Senhora em Fátima (Portugal) em suas mãos uma BOLA–de–ESPELHOS
atirando raios–pedaços–de–luz nos pecados do Guerreiro Mura–Demolidor–
de–Civilização que cai por terra como se tivesse sido fulminado por um rayo–
Divino, o bosque todo fica inundado e marcado pelos raios–luz do caleidoscópio
da Bola–de–espelhos)

ANJO

Mura, mura porque me persegues?

GUERREIRO MURA

Quem és tu Sombra–holograma, figurinha de revista em quadrinho?

ANJO

Eu sou aquele que tu persegues.

GUERREIRO MURA

Mas és tu que me persegues.

ANJO

Quem me persegue és tu.

GUERREIRO MURA

És tu.

ANJO

És tu.

GUERREIRO MURA

Tu me persegues.

ANJO

Quem me persegue és tu.

GUERREIRO MURA

Tu é que persegue, Sombra–absoluta.

ANJO

Tu me persegues, és tu que me persegues.

(Se embolam, lutam com ardor como se a carne de cada um mergulhasse profundamente na do outro)

FILHO–PRÓDIGO

(O Guerreiro–Mura entra no Teatro de Free Zone, se arrastando como um derrotado sobe as escadas todo esfarrapado e sujo, camiseta branca sob uma jaqueta de couro preto, calça preta de couro, sobre a qual uma espécie de suporte atlético está amarrado, pulseiras de couro tacheado, colar de crânios, brincos pendurados, camadas de cordões fetichistas no pescoço, todo rasgado parecendo um garoto trash–sodomosoquista. Dentro do Teatro sentado num trono está o Anjo–Tutelar com a longa barba do Moisés de Michelangelo que cai em torrente, o guerreiro trash–esfarrapado prostra–se diante do Anjo–Tutelar–Moisés que o recebe em seus braços.)

ANJO–TUTELAR–MOISÉS

Voltastes filho ingrato

pródigo filho enfim voltastes

abraços te aperto nos meus braços

abraço inter–cultural abraço–inter–racial

e que ultraje

cheiras a chiqueiro de porcos

vem tomar banho, vestir a melhor túnica, botar o melhor perfume

papar o melhor banquete

é teu o melhor sapato, protege os teus pés

(Se abraçam, se enlaçam, se atacam, lutam jiu–jitsu no chão, chaves muitas chaves, lutam enrolados como dois polvos, nó vivo e humano, apertado e lacrado, entre as paredes do Teatro forradas com fotografias de velhos atores empoeirados)

ANJO

Larga–me porque já começa a raiar a aurora

GUERREIRO MURA

Eu não te hei de largar, a menos que tu me abençoes.

ANJO

Te abençoo com esse chute.

(Se dão chuvas de chutes — depois param de lutar)

OS CAMINHOS DE LUZ E O PRÍNCIPE DAS TREVAS

(Finaliza a luta os dois estão esgotados o Anjo está em pé e o Guerreiro Mura está atirado no chão)

GUERREIRO–MURA

Belo anjo me leva pelas mãos, me guia, me tutela

ANJO

Antes corta as tuas longas unhas, Fera
tuas unhas assim parecem unhas de um demônio

GUERREIRO–MURA

Não sei cortar, corta para mim divino experiente.

(O Anjo corta as unhas do Guerreiro Mura com um alicate de manicure
aparece magicamente na testa do Anjo um chifrinho de demo.)

ANJO

Pronto missão–manicure cumprida, dedos lindos limpos como falanges de
anjos.

Vem, vamos seguir por essa trilha iluminada.

(Seguem pelo bosque, o Anjo levando o Guerreiro pelas mãos, caminhada
epifânica em meio a um caminho–luz–neblina)

“Não se pode esconder uma cidade situada sobre uma montanha, nem se
acende uma luz para colocá–la debaixo do alqueire, mas sim para colocá–la
sobre o candeeiro, a fim de que brilhe a todos os que estão em casa”

(Magicamente aparece um rabo de demoninho no anjo, somem na névoa
iluminada do bosque)

GUERREIRO–MURA

Porque mudas de persona de vez em quando?

ANJO

É o Príncipe das Trevas esse monstro hediondo que tenta baixar em mim
para tentar te arrastar de novo ao lugar–nocturno

e te afastar de Deus, Bem–Verdadeiro

tenta me fantasiar com seus disfarces malignos

acha que sou volúvel e fraco a seus truques de mascarado–satânico
(a parte)

Tem o príncipe da luz

Tem o príncipe das trevas

represento os dois

sou um ator

um arcanjo–das–metamorfoses

(Coloca uma Máscara de Demônio)

Agora sou o príncipe das trevas

com minha face cínica

arrastando todos para o perigo,

a um sinal ligo a chave–de–luz (tira a máscara)

e sou outra vez o Anjo–Bem–Aventurado.

(O Guerreiro está totalmente derrotado, arrebentado, sangrando pelo nariz,
olhos, sobranceira, desmaiado, o Anjo abaixa–se e junta–o nos braços
carregando–o como a Pietá de Michelangelo ou a de Botticelli, caminha
pelos corredores até o banheiro do Teatro.)

BAPTISMO

ANJO

Vai ser batizado num banheiro que é uma pia-baptismal.
(Entra no banheiro com o Guerreiro-nos-braços Pietá, coloca-o no chão do banheiro, veste-o com uma veste branca de batismo)
Esta veste branca, com a qual esta criança está vestida simboliza a Graça de Deus e a pureza da Vida. A cor branca manifesta que o cristão já participa da Ressurreição de Cristus Cruxifixus, o homem novo e renovador.
(A seguir, enfia-lhe várias colheres de sal como se faz com crianças, forçando-as para tomarem remédios desagradáveis)

Come o sal da terra.

(O Guerreiro Mura enjoa mais, quer vomitar, debruça-se sobre o vaso-sanitário, o Anjo massageia-unge os ombros e as costas dele)

Unjo e massageio os teus ombros e as tuas costas com esse óleo-santo

Óleo-santo sinal da consagração do Rebanho de Deus

Que Ele vos consagre com o óleo-santo,

a partir de agora fazes parte de seu povo escolhido.

Unjo com óleo-santo a tua frente em febre

Criança-cordeiro-escolhido.

(O Anjo arrasta-o para debaixo do chuveiro no interior do boxe, liga totalmente a torneira do chuveiro, como o caldo que se dá em pessoas alcoolizadas para saírem da embriaguez.)

Água purificação e Graça de Deus, húmido elemento

Sinal da vida que dá vida a terra bruta e morta.

Banho toma o teu banho toma teu batismo e morre para o pecado e renasce para a vida nova de Cristus-Hóstia.

Água fria te purifica, criança vadia, criança limpa.

(Em determinado momento se vê através do vidro do boxe a água limpa do chuveiro ficar vermelha como se fosse sangue e vaza do interior do boxe inundando o exterior com água ensanguentada como no enigmático filme Psicose de Alfred Hitchcock, recostado e encolhido de pé ao lado da pia de lavar mãos o Anjo segura agora um círio imenso [vela grande]).

ANJO

Este círio lindo, branco, divino e imenso é o símbolo do Cristus ressuscitado.

Cristus disse: “Eu sou a luz do mundo” e também disse: “Vós sois a luz do mundo.”

Somos chamados para passar das trevas para a Luz, pois somos filhos da Luz.

(Através do acrílico do boxe do banheiro se vê agora a silhueta do ex-guerreiro-mura se enxugando com uma imensa toalha branca, envolto no vapor da sauna, a seguir a porta do boxe se abre cenicamente com a mesma magia das cortinas de teatro e aparece o guerreiro num elegante-pijama-lamê-branco.)

EX-GUERREIRO-MURA

Aceito a luz abandono as trevas da floresta infernal.

Pertença ao rebanho do Bom-Pastor, sou sua ovelha-elétrica.

(Uma procissão de boys entra no banheiro, são os atores do ex-bando Mura, agora com enormes máscaras de cordeiros e sungas de couro tacheado, o que vem na frente traz nas mãos uma coroa dourada, coroa o ex-Guerreiro, outro traz um incensório, outro uma campainha de ofertório, outros círios imensos

parecendo grandes phalos, 4 carregam uma berlinda que é aquele toldo que nas procissões cobrem os santos, lembrando o tabernáculo de Moisés, cobrem o novo-Mura com a berlinda, o Boy-Cordeiro que está com a campainha toca-a, o cortejo religioso sai do banheiro e segue pelos corredores do Teatro de Free Zonee, fumaça e perfume enchem o Teatro de Glória. Caminham até a cúpula do Teatro, até o quarto que é uma Bolha-de-Vidro, entram todos, no meio do quarto uma Grande-Cama, parecendo a de Penélope do Ulisses, dourada com seus lençóis bordados com fios de prata. Sentam-se todos na cama, entra na Bolha-de-Vidro-Quarto a Musa-domadora vestida de Santa com chicote de couro numa das mãos na outra uma bandeja com jarras de vinho e uma Taça-de-Ouro, serve o vinho-sangue para todos, a seguir engolem comprimidos, cheiram lança-perfumes, se picam com seringas, no final estão totalmente drogados invadidos por um êxtase-místico, a Musa chicoteia todos, eles gritam de prazer, ela derrama vinho, moedas e chicotadas nos corpos deles, eles lambem os pés dela)

MUSA-DOMADORA

Tortura e martírio para todos.

(Já estão caindo de doppings

o Mura e a Musa arrastam-nos para fora do Quarto-Bolha, no final desse serviço o ex-Guerreiro está morto de cansaço

se atira na cama desmaiado.)

EX-GUERREIRO-MURA

Vida nova droga nova.

(A Musa-Domadora faz um sinal da cruz na fronte dele com a ponta de aço do chicote dela, jorra sangue, ele está desmaiado, caído em profundo sono, ela sai do Quarto-Bolha de Vidro e tranca por fora a porta da Bolha-Oratório, com as chaves de S. Pedro.)

MUDANÇA-DE-SEXO

(O Guerreiro está desfalecido, caído num sono profundo, fica assim por 7 dias e por 7 noites.

no final da noite sétima a porta do Quarto-Bolha-de-Vidro se abre entra a musa vestida de Monja-Medieval seguida pelo ex-bando-Mura vestido de S. Cosme e Damião (soldados e médicos de Cristo)

MUSA-CIRURGIA

Iniciar a operação. Passa o bisturi.

(Aplicam seringas contendo leite nos seios dele, os seios crescem ficam 3 seios imensos, depois fazem o mesmo nas nádegas que aumentam de volume, colocam-lhe uns óculos de realidade-virtual, enfiam fios elétricos em todos os seus buracos, depois ligam uma chave geral –

o Guerreiro leva um choque forte debatendo seu Corpo iluminado de Luz-neon de um salto fica em pé, apresentam-lhe um espelho-imenso e ele vê o seu novo corpo:

um Corpo-de-mulher

Banho, vestem-lhe um hábito de Monja-medieval na frente do espelho alumbrado ele recita um novo-texto num transe-Divino)

EX-GUERREIRO-MURA-ABADESSA-CAPITALISTA-SELVAGEM

EX-GUERREIRO-MURA-ABADESSA (Vestida de Abadessa-Medieval)

Ó senhor eu estou convertida, maravilhada
adeus guerras adeus bosques de trevas
adeus rios e lagos ensanguentados
prayas borradas corpos de soldados-mutilados
sodomizados por mim

no trapézio celeste o anjo da paz e da beleza
luz difundindo, treva diluindo

Sou sua serva, magnífico
humilde e afeita a usura

Abadessa, comando os negócios de sua seita com minhas unhas-de-aço
Onde estão minhas Bonecas-guerrilheiras?: Carmém, Judith, Dalila, Anita
Garibaldi, Monga a Mulher Monstro, Bonita Maria, Odete Lara, Gala de Dali.
Venham enfeitar o oratório

os nossos clientes já estão chegando ao templo-de-lutas para calibrarem
seus vibradores

é preciso atendê-los e gostoso
e cobrar um justo donativo
em forma açougueiras!

Enquanto isso luto pela milésima vez com nosso Anjo-tutelar
meu jiu-jitsu preferido.

A MORTE DO GUERREIRO-MURA-ABADESSA

ANJO-REPÓRTER-FUNERÁRIO-WOIF

No dia do seu falecimento, Roberto que tinha sido Orlando, se foi homem
ou mulher, que tinha sido guerreiro mura feroz e bárbaro, que tinha sido
susto e pavor de soldados lusos, alvo de uma campanha geral de extermínio,
no dia de sua morte, o que tinha sido convertido e com unhas de ferro tinha
regido seus negócios de Abadessa, uma dama de ferro travestida de freira e
santa teve o seu corpo despido.

(Um Anjo-apocalíptico-vigoroso desce do céu, revestido de uma nuvem e
com o arco-íris em torno da cabeça, seu rosto era como sol, e suas pernas
como colunas de fogo, segura nas mãos um pequeno livro aberto, começa a
clamar em voz alta como um leão que rugir)

ANJO-EXTERMINADOR-COM-O-LIVRO-ABERTO-DO
APOCALIPSE

Tirem a roupa do guerreiro!

Tirem a roupa de sua santidade!

Arranquem seus coturnos!

Arranquem seus coturnos!

A Abadessa-mura-muro-da vergonha ficará como veio ao mundo-imundo!
(Chuva de lama preta e rãs caem do céu sobre o Corpo do Índio-nu seu
corpo tatuado de peixes-pretos porque peixe é comida-de-índio e insígnia de
Eucaristia-cristã e quem é filho de peixe É.)

OFF: ETERNIDADE-EX-GUERREIRO-MURA-ABADESSA

EU SOU AQUELE-AQUELA QUE NÃO SOU.

FIM.

Fontes, pesquisas, citações

Muhuraida – ou O Triunfo da Fé – Henrique João Wilkens
O Indianismo Épico e a Crise do Projeto Colonizador – David H. Treece
Henrique João Wilkens e os Índios Muras – Carlos De Araújo Moreira Neto
Viagem Filosófica pelas Capitânicas do Grão Pará, rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá – Alexandre Rodrigues Ferreira
As Tribos do Alto Madeira – Curt Nimuendaju
Um Naturalista no rio Amazonas – Henry Walter Bates
Thesouro descoberto no máximo rio Amazonas – João Daniel
Autos da Devassa contra os Índios Muras e Nações do rio Tocantins (1738–1739)
Orlando – Virginia Woolf
Mapplethorpe – Uma Biografia – Patricia Morrisroe
O Juízo Final – Afresco na parede do altar da Capela Sistina – Michelangelo
Moisés – Michelangelo
Pietà – Michelangelo E Botticelli
Jacob lutando com o Anjo – Paul Gauguin
A Roupa nova do Rei – Conto Infantil
Tatame – A Revista Do Lutador – Ano 4–32
Mulheres Apaixonadas – D. W. Lawrence
A Terra Desolada – T. S. Eliot
O Teatro E Seu Duplo – Antonin Artaud
Os Tarahumaras – (A Montanha Dos Signos, A Dança Do Peiote, Tutuguri)
–Antonin Artaud
Van Gogh – Antonin Artaud
Peças Teatrais de Bertolt Brecht
Angústia da Influência – Harold Bloom
Ulisses – James Joyce
Divina Comédia – Dante Alighieri
Paraíso Perdido – Milton
Fausto – Johann Wolfgang Von Goethe
Flores Do Mal – Charles Baudelaire
Iluminuras – Arthur Rimbaud
O Almoço Nu – William Burroughs
Bíblia – Luta de Jacó com o Anjo (Gênesis 32:24–32), Conversão de Saulo (Ato Dos Apóstolos 17:9–1), Parábola do Filho Pródigo (Lucas 32:15–11), A Criação (Gênesis 1), Sal da Terra e Luz do Mundo (Mateus 14:5–13)
Salmo 22 – Deus Pastor dos Homens, O Anjo como pequeno livro aberto (Apocalipse 3:10–1), A Mulher e o Dragão (Apocalipse 9:12–7).
Os Cânones da Dor – Eric Saltzgeber E John Bolton (Revista Em Quadrinhos)
A Tempestade – William Shakespeare
Hamlet – William Shakespeare

Filmes

Psicose – Alfred Hitchcock
Os Pássaros – Alfred Hitchcock
Trainspotting – Danny Boyle

A Estrada Perdida – David Lynch
Dead Mam – Jim Jamurch
Os Deuses Malditos – Luchino Visconti
M, o Vampiro De Dusseldorf– Fritz Lang
Cabaret – Bob Fosse Com Liza Minnelli

*Nasci numa cidade do estado do Amazonas chamada I–T–A–C–O–A–T–I–A–RA, que em língua indígena quer dizer “pedra–pintada”, cidade–pedra–hieróglifo–signo–símbolo, grafismo, pinturas rupestres, escritura, e que antes desse tivera o nome–português–Sarpa. Vi muito drama de circo. Estudei velhas e novas filosofias na Universidade do Amazonas. Li, vi, ouvi muito autores perturbadores–inventivos, parodio todos. Um grande interesse: etnografias indígenas. Escrevi umas 40 e tantas peças de teatro, encenei muitas. Também dirigi óperas, shows–musicais, *performances*, *happenings*, vídeo–arte — eventos–multilinguagens. Desde criança leio e interpreto o mundo através do caleidoscópio–tragicômico–escatológico do teatro.

